

## SÉRIE TRAJETÓRIAS 2007

Palestrante: Nelson Nilo Hack

Local: Rua da Lapa, 120/12º andar

Data: 13 de novembro de 2007

Hora: 17:00

Agradeço à direção da Academia Brasileira de Música pelo honroso convite para falar da minha trajetória e a todos também que vieram prestigiar, os meus agradecimentos.

Para melhor entendimento daquilo que vou apresentar, resolvi dividir a minha fala em três momentos:

Momento 1 – A origem e formação acadêmica.

Momento 2 – A vida profissional de músico.

Momento 3 – Regência e magistério.

Eu nasci numa localidade do interior do Rio Grande do Sul chamada Rochedo. Era uma colônia de imigração alemã e de tradição cultural. Lá, em cada pequena localidade havia um coral de vozes masculinas. Meu pai, que era um simples marceneiro, teve a sensibilidade de me presentear com um violino aos nove anos de idade. Isto por me ter visto brincar com um violino que o regente do coral havia deixado lá, pois os ensaios eram realizados em nossa casa.

O sonho do meu pai era ter um filho músico. Isto significava para ele a maior felicidade, pois a carreira de músico era tida por ele como a mais importante de todas. Aí está a origem da minha trajetória.

Mais tarde, matriculei-me no Conservatório de Porto Alegre e sempre tive a orientação de excelentes professores.

Aos dezoito anos mudei-me para o Rio de Janeiro e quero começar expressando a minha grande homenagem à incomparável Paulina D'Ambrósio. Fui conhecê-la no camarim do Theatro Municipal após o concerto de um famoso violinista, seu grande amigo. Cheguei lá e estavam os dois conversando no camarim. Ali mesmo ela marcou a minha primeira aula de violino em sua residência e me preparou para ingressar na Escola Nacional de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, então, Escola de Música da Universidade do Brasil, onde me formei em 1943.

O exército de violinistas que a professora Paulina formou é o mais eloquente testemunho de sua arte, sua competência e da sua infinita bondade. Paralelamente, fiz os estudos de harmonia com o professor Agnelo França e com o maestro José Siqueira; os de contraponto e composição com o professor Assis Republicano e regência com o maestro Francisco Mignone. Isto para só citar alguns poucos dentre os excelentes professores com os quais tive o privilégio de conviver e construir minha formação musical. A todos, portanto, devo profunda gratidão.

Segundo momento: A minha vida profissional.

Como eu nunca tive outra aspiração senão a de ser músico, ingressei na Banda de Música do Corpo de Bombeiros no ano de 1940 para poder me manter sozinho no Rio de Janeiro. Lá, me tornei oboísta. Felizmente, naquela época, nunca me faltou serviço, pois os músicos eram chamados para tocar nas orquestras, nas confeitarias como a Colombo, nos restaurantes como a Taberna Carioca e nas casas de espetáculos, desde o Cassino da Urca até os teatros da Praça Tiradentes – João Caetano, República e o famoso Teatro de Revista Recreio.

Certa ocasião fui chamado para tocar na Orquestra de Estudantes do Instituto Lafayette, fato que veio a me dar a oportunidade de ingressar no Theatro Municipal. Ao término do concerto, lembro-me que fiz o solo do trio, da *Marcha Militar*, de Schubert. Fui abordado por um senhor, o maestro Henrique Spedini, para mim, desconhecido, que me pediu para comparecer na sede da Orquestra do Theatro Municipal no dia seguinte. Pela primeira vez tive a oportunidade de tocar numa orquestra sinfônica e sob a regência de um maestro estrangeiro, regente da Filarmônica de Berlim.

Até 1946, portanto, essa foi a minha atividade musical. Neste ano fui para Milão estudar oboé com o professor Tulio Serafim, do Conservatório de Milão e, também, primeiro oboísta da Orquestra do Teatro Scala.

Foi uma experiência decisiva na minha carreira, pois a rotina era a seguinte: aulas diárias, comparecimento aos ensaios, sentando-me ao lado do meu professor que me transmitia a prática de orquestra. Aliás, o valor dessa prática eu pude comprovar na excelente Orquestra Juvenil da Bulgária no Theatro Municipal, onde cada naipe era assistido por um professor; portanto hoje, na minha função de regência, sinto como seria necessária essa prática nas orquestras jovens do Brasil.

Ao voltar da Europa, trabalhei nas orquestras da Rádio Mayrink Veiga, da Rádio Nacional e Rádio Tupi, todas com programação musical de excelente nível. Na Rádio Mayrink Veiga conheci e tive o prazer de trabalhar com o maestro Alceo Bocchino e nunca mais nos separamos, continuamos juntos na Rádio Nacional e, finalmente, na Orquestra Sinfônica Nacional. O famoso Pablo Casals já dizia que os músicos formam uma grande família.

Outra grande lembrança singular da Rádio Tupi é aquela de eu ter sido colega de Pixinguinha, inesquecível personagem humano, ele na flauta, eu no oboé. Lembro que ao término de um programa, quando ele ia para casa, foi abordado por um assaltante, então, o Pixinguinha explicou-lhe que ele era um tocador de saxofone e flauta e assim convenceu o assaltante a ir tomar café em sua residência.

Na Rádio Nacional devo mencionar meu contato com Radamés Gnattali e tantos outros expoentes da música brasileira. Radamés, músico genial e inconfundível que nos deixou extensa obra, era

também uma pessoa cativante e amiga de todos, aos quais tratava igualmente. Quanto à programação da rádio, que era excelente, iniciava às dez horas da manhã com a orquestra e ia até às dez horas da noite. Quem não se lembra dos famosos concertos de segunda-feira, às vinte e uma horas, com a regência dos maestros Leo Peracchi, Radamés Gnattali, Villa-Lobos, Alceo Bocchino e eu mesmo?

Em 1957, desliguei-me da Rádio Tupi e prestei concurso para oboísta da Orquestra do Theatro Municipal, onde me aposentei em 1976. Foi uma época de intenso trabalho e aprendizado, pois, a programação do teatro intercalava concertos sinfônicos e balés com as quatro temporadas líricas: italiana, alemã, francesa e brasileira. Essas temporadas começavam em março e terminavam em outubro e para o Theatro vinham os expoentes do cenário artístico internacional, maestros como Tulio Serafim e tantos outros, além de cantores célebres. A temporada de Villa-Lobos, que intercalava, também era sagrada, sempre sob a direção do próprio Villa-Lobos. Naquela época, no Teatro, chegamos a fazer quatro obras diferentes por semana. Eram noites gloriosas no Theatro Municipal. Nesse período também formamos o quinteto de sopros que depois se incorporou ao elenco artístico da Rádio MEC e contava com os seguintes músicos: Lenias Figueira, flauta; José Botelho, clarineta; Ângelo Pestana, fagote; João Meneses, trompa; e Nelson Hack, oboé. Quero destacar que grandes compositores brasileiros, como Lorenzo Fernández, Villa-Lobos e outros legaram obras importantes para essa formação. Com esse grupo realizamos apresentações nas principais salas de concertos pelo país.

Terceiro momento. Concomitantemente à função de oboísta do Theatro Municipal, ampliei minhas atividades musicais, passando a ser professor de oboé da Academia de Música Lorenzo Fernández e fundando a sua orquestra de câmara, cuja programação incluía um concerto público na sala do Coro do Theatro Municipal. Em 1964, assumi a direção dessa academia.

Em agosto de 1963, Maria Clara Machado, diretora do Theatro Municipal e Chefe do Serviço de Teatro da Guanabara, incumbiu-me de organizar a Orquestra Juvenil do Theatro Municipal, cujas atividades incluíam espetáculos de óperas, balés e concertos no próprio teatro sob a regência de maestros brasileiros e estrangeiros. Por essa orquestra passaram jovens que hoje são reconhecidos internacionalmente como Antônio Menezes, Paulo Bosisio, Paulo Narpe, Arnaldo Cohen, Ernani Aguiar e outros. Nessa época, também, fui diretor do Coral de Ópera do Theatro Municipal, o que me proporcionou a oportunidade de reger óperas, concertos e espetáculos de balé à frente da própria Orquestra do Theatro Municipal. Ainda na década de 60 regi o Coral e Orquestra da Fraternidade Rosa Cruz com o qual fazíamos várias apresentações e uma apresentação mensal na Penitenciária da Rua Frei Caneca – isso soa esquisito, mas é verdade.

Em 1967 fui convidado a dirigir o Coral Universitário da Universidade Rural. Nas suas apresentações, esse coral era acompanhado pela Orquestra Juvenil e, juntos, esses jovens fizeram muitas memoráveis apresentações e gravaram obras importantes do Padre José Maurício, a *Missa* de Mozart, o *Oratório*, de Haendel e outras peças. Destaco, ainda, os concertos da TV Globo aos

domingos de manhã e as participações nas comemorações do Centenário da Independência apresentando o *Credo*, de D. Pedro I, no MASP e outras cidades de São Paulo.

Em 1970 fui chamado para lecionar oboé na Escola de Música Villa-Lobos e ainda tenho bem viva na memória a lembrança da vitória que nós, professores, alcançamos em evitar que a mesma fosse fechada. Essa vitória consistia em resistir ao descaso do governo, em dar nossas aulas mesmo sem salário e em péssimas condições materiais, até que o novo governo de Negrão de Lima reergueu a Escola.

Retrocedendo até 1965, uma das atividades que mais marcou a minha vida foi a criação de uma orquestra de câmara idealizada em conjunto com outros músicos, especificamente o violinista Jean Carlos Vareschi, para fazer música de câmara de alto nível. Inicialmente essa orquestra denominou-se “Os solistas do Rio de Janeiro” e, após três anos de sucesso, transformou-se na Orquestra de Câmara da Rádio MEC, passando oficialmente a pertencer ao elenco dessa emissora nacional. A partir de então, e durante vinte anos ininterruptos, desenvolveu programação intensa, semanalmente na Rádio MEC e, mensalmente, na Sala Cecília Meireles. Além disso, apresentou-se em várias salas de concerto do país. Infelizmente, por falta de patrocínio, a orquestra nunca pôde atender aos convites recebidos do exterior para difundir obras de autores brasileiros. Deve-se, entretanto, a essa orquestra a apresentação de inúmeras primeiras audições de obras de compositores brasileiros, algumas dedicadas à orquestra, além de obras de compositores estrangeiros também. Todos os esforços, todas as atividades dos conjuntos artísticos da rádio cessaram com um simples decreto do então Presidente Collor.

Naquela época eu conciliava a função de regente da Orquestra de Câmara com a da Orquestra Sinfônica Nacional. Como uma das minhas maiores alegrias sempre foi e continua sendo trabalhar com jovens, não pude recusar o convite do Colégio Cruzeiro para levar o coral de alunos para uma turnê de um mês por toda a Alemanha divulgando as canções do folclore brasileiro. Foi no ano de 1976 e quando voltei fui convidado pelo Centro Cultural Pro-Música de Juiz de Fora para assumir a direção da orquestra e coro daquela instituição, bem como o ensino instrumental: violino, viola, flauta, oboé e fagote. Assim pude manter até hoje ótimo nível da orquestra na sua maioria de jovens. Foi à frente dessa orquestra e coro que tive a oportunidade de concretizar o meu sonho de realizar a *Paixão segundo São Matheus*, de Bach, integralmente e no original, com intérpretes em apresentações memoráveis no Cinema Central da Cidade, na Sala Cecília Meireles e em igrejas de Ouro Preto e São João Del Rei. Também realizamos e gravamos obras do Barroco mineiro, Missas de Mozart, Oratórios de Haendel, *Messias*, *Festa de Alexandre* e *Judas Macabeus* e por último o belíssimo *Te Deum*, do compositor Juizforano Edmundo Villani-Côrtes. A atividade dessa orquestra inclui também concertos com solistas renomados como Nelson Freire, Eudóxia de Barros, Paulo Bosisio, Sérgio Monteiro, para citar uns poucos. Ainda no mês passado realizou concerto com o Duo Vicente-Guerra e Ludmila Vinecka.

O trabalho que venho desenvolvendo no Centro Cultural Pró-Música me faz lembrar os caminhos que tive que percorrer para chegar onde estou e, por isso, o faço com toda responsabilidade e a máxima seriedade, isso porque sei que grande parte do êxito do aluno não depende só de seu talento e, sim, também, do empenho e da eficiência do professor. Nunca me esqueço dessa frase de um mestre: “no ensino da música, se não houver paciência e humildade, é melhor não começar” e assim segue a minha trajetória. Obrigada!

Maestro, o meu testemunho aqui é aquele que eu sempre disse ao senhor, na frente das pessoas, eu acho que a ingratidão é o pior de todos os defeitos que um indivíduo pode ter, porque envolve vaidade, desonestidade e tudo o que não presta. Eu, já quantas vezes disse e repito, que a três pessoas eu devo a minha formação de música: Dona Yolanda Peixoto, que foi a minha única professora aqui no Brasil, Max, que foi o único professor que eu tive no exterior e ao senhor, maestro Hack. Eu aprendi com o senhor a ter entusiasmo pela música, não só pelos ensaios da orquestra juvenil a cada sábado, num anexo do Theatro Municipal e que era um dia de festa - a gente esperava por esse sábado, era um prazer extraordinário. Nós tocávamos por todos os lugares, em universidades e em outros estados.

Maestro Nelson Nilo Hack

Aqui, eu quero deixar um testemunho. Grande incentivador também era o seu pai, a começar pela disciplina, ele não permitia que ninguém chegasse atrasado. Ele acompanhava a orquestra quando ia tocar com uma Kombi cheia de biscoitos e balas.

Público:

Hoje, na hora do almoço eu peguei um lápis e um papel e, sem nenhuma metodologia, para ser exato, eu constato que o senhor é responsável por seis gerações de profissionais. Por exemplo: da primeira geração que não é a minha, tem: Alceu de Almeida Reis, Carmelita, Guerra Vicente... A segunda geração, além de mim, tem Ernani Aguiar, Nayran Pessanha, Morelembaum, Luiz Carlos Marques, Nicolau Martins, o oboísta Clever, Flávia Rosa. A terceira geração tem: Antônio Menezes, Léo Ortiz e muitos outros de que eu não me lembro porque eu estava na Europa, nessa época. Da quarta geração nós temos uma presente, a professora Soraya que veio hoje e eu avisei a ela que viesse. Ela não só veio como trouxe a “família”, que são seus alunos. Todos eles são jovens violinistas. A Soraya faz parte da quarta geração que o senhor encaminhou, já na Orquestra da Casa do Estudante do Brasil. Tem também um professor que hoje está na Califórnia, Clóvis Pereira Junior, a Betina, do Paraná e dois do Ceará, Paulo Vieira, que hoje é violinista da Orquestra de Madrid, e Eliezer Melo que hoje é da Orquestra do Palácio das Artes de Belo Horizonte. A quinta, eu acho que já é a de Juiz de Fora, mas eu vou citar aqueles que viraram profissionais: Luiz Otávio Santos, que é um dos maiores violinistas do mundo, Pedro Cury, Ângelo Vasconcelos e a Rúbia Siqueira, que está na Alemanha. A sexta geração tem o João Carlos, da Orquestra Sinfônica

Brasileira, e tantos outros, alguns alunos meus e de outros colegas, enfim, aqui tem, a grosso modo, seis gerações que o senhor produziu.

Eu queria registrar um fato que eu considero grave e eu sei que o senhor não precisa disso, mas o seu nome não está em nenhum dicionário de música brasileira ou enciclopédia de música brasileira. Eu sei que o senhor não precisa disso, mas nós precisamos e o Brasil precisa saber do seu trabalho no futuro e isso só acontecerá se for registrado. É como o nosso confrade Manoel Veiga, que esteve aqui na semana passada e disse: - “dicionário é assim, é igual a relógio, mesmo sendo ruim, é melhor do que nenhum e se é muito bom, também não dá para confiar totalmente.” Nós sabemos que o senhor não precisa disso, porque o que o senhor fez todo mundo sabe, mas eu só penso no futuro e gostaria de deixar isso registrado, que é necessário que haja um currículo do maestro Nelson Nilo Hack, que foi um grande incentivador, um grande músico, um grande professor, um grande homem em todos os sentidos, nos dicionários.

Maestro Nelson Nilo Hack

Eu acho que você está sendo muito bondoso. Uma vez, uma senhora de muita luz me disse: - “cuidado com os aplausos, porque o aplauso acaba com qualquer artista. A vaidade corrói.” Eu nunca mais esqueci e já faz mais de quarenta anos que essa pessoa me disse isso.

Público:

Por que o sucesso desse trabalho em Juiz de Fora não consegue ser feito em Petrópolis e Teresópolis?

Maestro Nelson Nilo Hack

Eu acho que a direção da Pró Música é muito idealista, eles trabalham muito, eles vivem para aquilo, só para aquilo e acho que é por isso, eles não têm outros objetivos.

Público:

Eu queria agradecer pela oportunidade de estar aqui e manifestar a minha gratidão ao maestro Nelson Nilo Hack. Vai ser difícil falar tudo o que ele fez por mim, na minha vida, mas eu vou tentar resumir. Eu tive professores excelentes, mas o meu universo era muito pequenininho em relação à música. Eu vivia para a harpa, para o repertório da harpa, só ouvia harpa e isso, talvez, devido à minha pequenez mesmo. Eu comecei a pensar num sonho que eu sempre tive que era tocar um instrumento de sopro, apesar de já tocar harpa profissionalmente. Então, finalmente, eu cedi a essa vontade, achei que não era um luxo assim tão exagerado para me proporcionar e eu comecei a estudar oboé com um aluno do maestro Nelson Hack, Paulo Nardi, que foi quem primeiro colocou um oboé na minha mão e me ensinou as primeiras notas. Eu estudei com ele uns dois anos e aí ele

voltou para a Itália. Ele sempre falava com tanta admiração, respeito e gratidão sobre o maestro Nelson Hack! Quando ele viu que ia voltar para a Europa, ele me disse: - “você vai estudar com o professor Nelson Hack e ele vai fazer com você o que ele já fez comigo”.

Eu já tocava clarineta desde que eu comecei a estudar oboé e achei que eu ia ter facilidade, que já ia sair tocando... Ele me botou tocando muito tempo a escala de dó maior, nota por nota, e vocês não fazem ideia do bem que isso me fez, foi fantástico. Além de me preparar como instrumentista, ele me preparou como pessoa, como ser humano, porque abriu o meu horizonte de musicista e eu comecei a me interessar por outras músicas. Eu comecei a me interessar profundamente pelo oboé, que é um instrumento maravilhoso, e ele valorizava ainda mais isso, o instrumento, as peças e tudo.

Comecei a tocar, apesar de já estar bem velhinha, talvez, com uns trinta anos, na Orquestra Juvenil. Foi uma vivência fantástica para mim e as coisas que eu aprendi com o Maestro Nelson Hack não foram só essas, coisas de músicas, de instrumentistas, foram coisas de ser humano, cheio de bondade, de idealismo, de dedicação, de humildade. Eu não posso citar nada que o maestro tenha me dito, eram pequenos gestos constantes, pequenas palavras e o exemplo dele, a colocação dele frente ao trabalho que ele fazia com os jovens, junto à música, isso vai penetrando não só em mim, como em todos que conviveram com ele. Foi uma coisa notável. Eu me sinto uma pessoa muito melhor.

Maestro, a minha gratidão eterna pelo que o senhor fez por mim e pelo que eu vejo que o senhor fez por todos aqueles que tiveram o privilégio de conviver com o senhor. Obrigada.

Maestro Nelson Nilo Hack

Talvez eu tenha sido apenas um intermediário, não precisa agradecer a mim. Eu conheci muito bem seu pai que trabalhava na Rádio Nacional. Ele vivia falando nas suas filhas. Ele era uma pessoa maravilhosa e eu acho que é a ele que você deve.

Público:

Quero registrar que desde a época em que eu me interessei pela vida e pelo trabalho de Dona Paulina D’Ambrósio, que foi essa professora magistral e esse exemplo de mulher de coração extraordinário, desde que eu escrevi lá na UNIRIO um trabalho sobre ela, a minha monografia “Paulina D’Ambrósio e a modernidade”, eu me tornei um defensor do Vincenzo Cernicchiaro, que é o nosso maior historiador.

Eu gostaria de saber, na sua grande experiência dentro da orquestra, fora da orquestra, como humorista na orquestra e também como um ouvinte especializado, dos maestros que o senhor viu ao vivo, como ouvinte ou também como músico, qual teria lhe impressionado mais?

Maestro Nelson Nilo Hack

Pelo Municipal passaram muitos maestros ótimos, cada um era diferente, mas quem me impressionou muito foi o Tulio Serafin, ele era primeira viola da Orquestra Scala de Milão, do tempo de Verdi. Para mim, ele era o regente mais autêntico de ópera italiana e não é à toa que ele tinha esse reconhecimento na Alemanha. Ele é regente autêntico das obras de Verdi e, além disso, um homem humilde. Quando ele vinha aqui ao Rio de Janeiro reger, eu o visitava no hotel e ele sempre estava lá, minuciosamente, estudando as partituras que ele conhecia como músico do tempo de Verdi, mas nunca deixou de estudar. Realmente a gente não podia duvidar de nada que ele fizesse. Havia vários maestros, mas nenhum dava a segurança que ele dava.

Público:

Maestro, o senhor sabe que eu tenho uma admiração pelo senhor, inclusive pela Orquestra de Câmara da Rádio MEC que eu tive a oportunidade e a felicidade de ser regida pelo senhor no *Concerto em Ré Menor*, de Bach e que eu fiz questão de pegar essa gravação do senhor porque um dia eu vou colocar em CD. Eu acho que aquela nossa experiência do senhor regendo aquela orquestra maravilhosa merece um CD e eu lhe prometo que eu ainda vou conseguir.

Maestro Nelson Nilo Hack

Realmente foi um trabalho maravilhoso e o que eu devo lembrar e frisar é a responsabilidade que cada músico tinha. Os ensaios eram às sete horas da manhã, às seis e meia eu chegava lá e, dez para as sete chegava a orquestra, sempre pontualmente. Eu acho que hoje é difícil acontecer isso.

Maestro Ricardo Tacuchian

Ouvindo essa palestra do maestro Nelson Nilo Hack e ouvindo os depoimentos de seus amigos, de seus discípulos, de seus contemporâneos, eu constatei duas coisas: a primeira é que essa cidade do Rio de Janeiro era realmente uma cidade maravilhosa para ter uma orquestra como aquela da Rádio MEC, inesquecível, para ter assaltantes que se sensibilizavam quando o assaltado era um músico, para haver penitenciárias que pudessem receber orquestras e assisti-las tranquilamente, então, até os assaltantes eram diferentes. Essa cidade, onde viveram tantas pessoas ilustres, cujos nomes foram citados aqui pelo maestro e pelas pessoas que estão aqui presentes, nos dá uma nostalgia muito grande desses momentos gloriosos que foram a nossa cidade do Rio de Janeiro. Essa foi a primeira observação que eu constatei nessa palestra

Nós, realmente, procuramos criar um oásis nesse deserto de inversão de valores que vivemos hoje em dia. Nós precisamos de muitos Nelson Nilo Hack para fazer a grande mudança e a Academia é um modesto espaço para iniciar isso.

A segunda coisa que eu constatei é que eu apresentei o maestro Nelson Nilo Hack como um grande artista, um grande músico, um grande líder, um grande homem e acima de tudo eu o enfatizei como um grande educador e ele provou isso na fala dele. Que fala objetiva! Que fala clara! Que capacidade de síntese que só o verdadeiro educador possui. Ele, em um tempo recorde, conseguiu transmitir para nós um universo enorme e isso é característica do educador. O maestro Nelson Nilo Hack nos ensinou que ser um educador é ser objetivo, é ser simples, é ser direto para um determinado ponto e, acima de tudo, é ser muito simples. Muito obrigado, maestro.